

Milenarismo e ciência no *Via lucis* de Jan Amos Comenius

Vitor Augusto Andrade Albiero

Resumo

*Ao contrário dos princípios pedagógicos de Jan Amos Comenius, poucos estudos têm sido produzidos acerca de seus pressupostos sobre o papel, propósito e utilidade da nova ciência. O presente trabalho visa demonstrar como uma das perspectivas milenaristas de viés protestante participou diretamente do conceito, formação e desenvolvimento da ciência inglesa seiscentista. Para isso, foram ressaltados os princípios milenaristas de Comenius, registrados em sua obra *Via Lucis*¹; obra que escreveu entre 1641 e 1642, quando viveu em Londres, a convite de Samuel Hartlib. Em que pese sua perspectiva milenarista ser notável em todos os seus escritos, nada se compara aos anseios escatológicos registrados em seu *Via Lucis*. Tudo parece indicar que essa obra concentra não só seu sonho da Reforma Universal, que anteciparia o milênio, mas as expectativas despertadas quando de sua estadia em Londres junto aos promotores da, então, nova ciência. Não por acaso, dedica essa obra, somente publicada em 1668, à recentemente constituída Royal Society de Londres.*

Palavras-chave: História da Ciência; *Via lucis*; Milenarismo.

Abstract

*Unlike the pedagogical principles of Jan Amos Comenius, few studies have been made about their premises about the role, purpose and utility of the new science. This paper aims to demonstrate how one of the millenarian perspectives of Protestant bias directly participated in the concept, formation and development of seventeenth-century English science. For this, it was highlighted millenarian principles of Comenius, recorded in his work *Via Lucis*; text written between 1641 and 1642, when he lived in London at the invitation of Samuel Hartlib. Despite its millennial perspective be remarkable in all his writings, nothing compares to the eschatological aspirations recorded in his *Via Lucis*. It appears that this text focuses not only his dream of Universal Reform that anticipate the millennium, but the expectations aroused when your stay in London, together with the promoters of the then new science. Not coincidentally, dedicated this work, only published in 1668, the newly formed Royal Society of London.*

Keywords: History of Science; *Via lucis*; Milenarism.

INTRODUÇÃO

Muitos foram os fatores sociais, filosóficos, econômicos, religiosos etc, que contribuíram para o surgimento e desenvolvimento da nova ciência. Por conta disso, não se pode ignorar a participação que a relação entre milenarismo e ciência ocupou nesse processo, sobretudo quando se tem em mente a Inglaterra do século XVII.

Assim, a partir da singularidade das ideias milenaristas de Comenius, registradas em seu *Via Lucis*, as quais foram compartilhadas com o círculo hartlibiano e, posteriormente, com a recém organizada Royal Society de Londres, buscar-se-á refletir sobre o pressuposto de que a ciência produzida naquela época não serviria apenas aos interesses utilitários que visavam a melhoria das

Trabalho apresentado na modalidade comunicação oral da V Jornada de História da Ciência e Ensino: Propostas, Tendências e Construção de Interfaces, realizada entre 30 de julho e 01 de agosto de 2015, São Paulo, SP, Brasil.

¹ Pelo fato da versão em latim se tratar de um documento raro e inacessível, foi utilizada a versão em inglês do *Via Lucis* de Comenius, cujo título se apresenta como: *The Way of Light*.

condições de vida, mas que, igualmente, atenderia aos anseios do protestantismo de que a nova ciência participaria de forma proeminente no processo de implantação do reino milenar de Cristo, bem como seria promotora da paz e do avanço sócio-cultural-científico que o precederia.

ESCATOLOGIA MILENARISTA DE COMENIUS

Em termos gerais, milenarismo refere-se à esperança que a tradição cristã mantém acerca do retorno de Cristo a terra e da expectativa do seu governo de paz e justiça durante o período de mil anos, como se encontra registrado no livro de Apocalipse². Há de se ressaltar que existem inúmeras perspectivas diferentes dentro do próprio cristianismo de como esse período milenar deve ser implantado por Cristo, bem como da consumação definitiva do reino de Deus entre os homens. Todavia, o que é comum a toda visão milenarista é a expectativa messiânica que a envolve.

O princípio messiânico, que obviamente não se limita à perspectiva cristã³, dá o tom todo especial ao conteúdo central do milenarismo, à medida que o alimenta com a esperança do fim de toda a dominação, sofrimento, perseguição, usura e injustiça. Nesse sentido, o milenarismo é revestido pelo sonho e pela esperança messiânica de libertação e salvação dos eleitos – uma salvação iminente com uma proposta de felicidade terrena, que culminaria com o fim do mundo e o estabelecimento do reino de Deus a partir da volta do Messias.

Historicamente, diversas interpretações da tradição cristã foram dadas em relação ao cumprimento do advento do milênio. Interpretações quanto à datação, quanto ao modo, quanto ao local da aparição do Messias etc. Contudo, para o presente estudo, faz-se necessário observar brevemente o milenarismo da Boêmia do século XV, o qual teve suas raízes dentre os seguidores de John Huss (1372-1415)⁴, mais conhecidos como hussitas, que se dividiram basicamente em dois grupos: hussitas-utraquistas e hussitas-taboritas.

Por ora, a presente pesquisa concentrar-se-á nos hussitas-taboritas, uma vez que foi a partir dos dissidentes deste grupo que Comenius recebeu a influência milenarista que acabou por afetar os seus escritos, bem como sua visão sobre educação e ciência.

A origem do milenarismo na Boêmia remonta ao contexto das guerras, perseguições e inimizades deflagradas a partir da morte de John Huss. A condenação de John Huss à morte em 1415,

² Os livros de Daniel e Apocalipse são os livros da Bíblia que mais ressaltam questões escatológicas que envolvem a implantação e o estabelecimento do reino de Deus e do seu Cristo na terra.

³ O ideal messiânico não se restringe ao cristianismo, mas pode ser visto em outras crenças como, por exemplo, o judaísmo. Para saber mais vide: Jean Delumeau, *Mil Anos de Felicidade: Uma História do Paraíso* (São Paulo: Companhia da Letras, 1997).

⁴ John Huss foi um pré-reformador checo que, por não deixar de pregar a Bíblia e denunciar a política, a luxúria e a imoralidade do clero e da liderança papal, foi sentenciado à morte, vindo a ser queimado à estaca em 06 de julho de 1415. Para saber mais, vide, por exemplo: Walter A. Elwell, *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2009); Justo L. Gonzáles, *História Ilustrada do Cristianismo*, 2 vols. (São Paulo: Vida Nova, 2011); e Earle E. Cairns, *O Cristianismo Através dos Séculos: Uma História da Igreja Cristã*, 3ª ed. (São Paulo: Vida Nova, 2009).

lavrada pelo Concílio de Constança, associada à traição do imperador Sigismund⁵, que deixara de cumprir o salvo-conduto prometido ao pré-reformador, alçou a revolta de todas as partes da Boêmia e da Morávia, que se uniram contra o império austro-húngaro e contra a igreja.⁶ Assim, comandados inicialmente pelo general checo João Zizka (1360-1424), os taboritas passaram a resistir às inúmeras cruzadas autorizadas pelo papa João XXIII, as quais foram lideradas por Sigismund contra os hussitas da Boêmia.⁷

No âmago da motivação taborista⁸ para enfrentar o exército de Sigismund e os ataques da igreja, residia o milenarismo extremista que apregoava a força e o uso das armas.⁹ Fazia parte da perspectiva milenarista dos taboritas a ideia de que a destruição dos maus e do anticristo, este último representado pelo papa e pela opressão da igreja, anteciparia o retorno de Cristo; retorno que, segundo o taborismo, aconteceria em um futuro bem próximo, a ponto de chegarem a datar o ano de 1420 para tal acontecimento.¹⁰

Entretanto, a tônica apocalíptica revolucionária do taborismo não era unanimidade dentre os herdeiros das ideias de John Huss. Na verdade, uma parte dos taboritas, avessos à violência, e sob a liderança do checo Pedro Chelsicky (1390-1460), se transferiu para a região rural da Boêmia, onde passaram a organizar uma comunidade pacificadora que, não obstante evitarem a guerra religiosa e zelarem pela paz, primava apenas pelo cumprimento das verdades e doutrinas contidas na Bíblia em detrimento das tradições da igreja e das exigências do papa.¹¹

Essa comunidade pacificadora e herdeira do protestantismo de John Huss sobreviveu a todas as guerras e sublevações na Boêmia do século XV, passando a se estabelecer e a se organizar na Morávia. Constituíram-se em pacifistas cristãos, adeptos à frugalidade, à fraternidade e ao exemplo da vida de Cristo e dos apóstolos. Preconizavam que todas as relações deveriam ser regidas pelo amor e pela paz, e asseveravam que a marca principal que deveriam expressar seria a união entre os irmãos. Portanto, desta comunidade, que posteriormente fora chamada de *Unitas Fratrum* ou *Irmãos Morávios*¹², Comenius viria a ser filho e receberia sua instrução religiosa e educacional que o credenciaria, conforme afirma George Sarton, a um dos mais renomados pacifistas da história.

⁵ Sigismund, imperador austro-húngaro, seria ainda derrotado pelo menos por cinco vezes pelos taboritas liderados por João Zizka.

⁶ Williston Walker, *História da Igreja Cristã* (São Paulo: Aste, 1967), 1: 380.

⁷ González, *História Ilustrada do Cristianismo*, 1: 500.

⁸ Para saber mais sobre o milenarismo dos taboritas, indica-se o artigo: Edson P. Lopes, "O Milenarismo dos Taboritas na Boêmia do Século XV e sua Influência no Pensamento de João Amós Comenius," *Ciências da Religião - História e Sociedade* 5, nº 2 (2007): 32-58, <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/issue/view/50> (acessado em 02 de fevereiro de 2015).

⁹ Para saber mais sobre a violência dos taboritas, sugere-se a leitura da obra de Delumeau: *Mil Anos de Felicidade*.

¹⁰ Lopes, *Milenarismo dos Taboritas*, 47.

¹¹ *Ibid.*, 48.

¹² *Ibid.*

Eu fecho os meus olhos e vejo uma gloriosa procissão....Stitny, Milic, Matthew of Janov, Jan Hus, Zizika, Petr Chelcicki,... Jan Amos Komensky,... Purkyne,... Bedrich Smetana, Antonin Dvorak, Josef Suk, Gustav Mahler, Tomas Garrigue Masaryk. Grandes e bons homens, mas eu penso que Comenius foi o maior de todos.¹³

Entretanto, foi no século XVII que a Boêmia e, de modo singular, os morávios, receberam seu grande e triste golpe. Após a morte do imperador Rodolfo II, em 1612, que não obstante pertencer à Casa dos Habsburgo tratava as questões religiosas e a causa protestante com tolerância, é que a paz na Boêmia seria irreparavelmente atingida. Os boêmios passaram a não aceitar a articulação de Fernando de Habsburgo, que persistiu basicamente em duas práticas: entregar a administração da Boêmia aos líderes alemães desejosos de impor o idioma alemão como língua oficial na Boêmia; e insistir em restabelecer o catolicismo na região.

Assim, por meio desta instabilidade política¹⁴ e religiosa, dar-se-ia início à Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), guerra que não apenas atingiria Comenius a ponto de exilá-lo, mas que reascenderia o seu anseio milenarista pacifista em busca de tentar discernir seu tempo e regar a esperança de dias melhores, bem como contribuiria para consolidar e difundir sua crença de que o fim do mundo estaria iminente¹⁵ a partir do estabelecimento do estado milenar.¹⁶

Portanto, a partir do episódio da famigerada Defenestração de Praga¹⁷, a qual marcou emblematicamente o início da Guerra dos Trinta Anos, intensificaram-se as perseguições impostas pelo sacro império à igreja protestante da Boêmia, até que, em 1620, na Batalha da Montanha Branca, a Boêmia foi arrasada e os irmãos morávios foram forçados a deixar seu país, diminuindo oitenta por cento da população checa na Boêmia.¹⁸ Horrorizado com a guerra e o exílio, Comenius inconsolado dizia:

Quantos seres humanos mortos! Quantos presos! A quantos ceifou a fome, a peste, o frio, a amargura, o medo, o horror! Quantos templos foram tomados! Quantos sacerdotes banidos! Quantas famílias empobrecidas, das classes elevadas, como das classes baixas. E quantos se desviaram coagidos pela prisão e pela tortura, ou vítimas de enganos astutos. E não há neste mundo esperança alguma de melhoras [.....] Terminam as guerras, mas outras se seguem; e a peste nada nos deixa senão

¹³ George Sarton, "Comenius Redivivus," *Isis* 30, nº 3 (1939): 426.

¹⁴ Stephen J. Lee, *A Guerra dos Trinta Anos* (São Paulo: Ática, 1994), 15.

¹⁵ Christopher Hill, *O Mundo de Ponta-Cabeça* (São Paulo: Companhia das Letras, 1987), 50 e107.

¹⁶ Charles Webster, *The Great Instauration: Medicine and Reform, 1620-1660*, 2º ed. (Oxford: Peter Lang, 2002), 17.

¹⁷ Gonzales, *História Ilustrada do Cristianismo*, 260.

¹⁸ Sérgio C. Covello, *Comenius: A Construção da Pedagogia* (São Paulo: SEJAC, 1991), 31.

algumas cidades despovoadas. Mas que digo, deixou-as? Ainda as continua a devorar. Em Tudo há carestia nunca vista; impostos e tributos superiores às possibilidades humanas pesam sobre nós, e não só as autoridades como também a soldadesca saqueia-nos à vontade e, o que é pior, sobre corpos e almas imperam a tirania e a violência.¹⁹

Portanto, condoído com a dor da guerra, mas convicto dos valores do protestantismo associados ao ideal pacifistas, Comenius intensificou sua visão educacional e milenarista ainda mais ao se aprofundar nas obras²⁰ de Tommaso Campanella (1568-1639), Wolfgang Ratke (1571-1635), Johann Valentin Andreae (1586-1654) e Johann Heinrich Alsted²¹ (1588-1638). Ao entregar-se ao estudo dessas obras teológicas e educacionais, Comenius passou a desenvolver a esperança de que a guerra na Boêmia poderia chegar ao fim graças à introdução de um novo método educacional, pois via na educação e na nova ciência fortes aliados que acelerariam o advento do milênio.

Assim, de modo muito particular dentre as visões escatológicas do protestantismo²² do século XVII e das expectativas milenaristas suscitadas pelos pregadores puritanos²³, a concepção milenarista de cunho taborita-pacifista, passou a identificar a escatologia de Comenius, a marcar as suas obras e a ser o centro motivador das suas ideias pansóficas, especialmente em seu *Via Lucis*.²⁴

Dentre as características da escatologia milenarista de Comenius algumas são dignas de observação e destaque. Nesse sentido, Comenius contemplava a ideia taborita de que os irmãos morávios seriam a parte dos eleitos de Deus que se apresentaria como os primeiros restauradores do reino de Deus na terra.²⁵ Acreditava também que o estabelecimento do paraíso seria na terra, mais precisamente no advento da volta do Messias.²⁶ Do mesmo modo, seu milenarismo o levava a sustentar a esperança de que, auxiliados pelos ideais educacionais e pansóficos, os irmãos morávios retornariam à Boêmia e restaurariam a Morávia antes do retorno de Cristo.²⁷ Igualmente sustentava, pelo menos inicialmente, a ideia de que o paraíso poderia ser reconstruído na terra a partir da Boêmia

¹⁹ Ibid., 32.

²⁰ João L. Gasparin, *Comênio ou a Arte de Ensinar Tudo a Todos* (Campinas: Papirus, 1994), 37.

²¹ Vale lembrar que Comenius foi aluno de Alsted, calvinista que reviveu o ensino e a esperança milenarista de forma acadêmica. Seus livros, tais como *The Beloved City* e *Diatribes de Mille Annis Apocalypticis* influenciaram Comenius e muitos outros pensadores, religiosos e escritores como Joseph Mede (1586-1638). As obras milenaristas ajudaram a inspirar o desejo pelo reino de Deus na terra que acompanhou a irrupção da efervescência puritana na década de 1640. (Robert G. Clouse, *Milênio: Significado e Interpretações* (Campinas: LPC, 1990), 10).

²² Hill, *Mundo de Ponta-Cabeça*, 52.

²³ Como exemplo, John Bunyan (1628-1688), pregador puritano, chegou a dizer que o dia do juízo estava ao alcance da mão de sua geração. (Hill, *Mundo de Ponta-Cabeça*, 109).

²⁴ Obra que Comenius escreveu enquanto esteve na Inglaterra (1641-1642) a convite de Samuel Hartlib, mas que foi publicada apenas em 1668 com o acréscimo de sua dedicatória à Royal Society de Londres.

²⁵ Lopes, *Milenarismo dos Taboritas*, 51.

²⁶ Wojciech A. Kulesza, *Comenius: A Persistência da Utopia em Educação* (Campinas: Unicamp, 1992), 34.

²⁷ Lopes, *Milenarismo dos Taboritas*, 51.

– pensamento que passou a desacreditar a partir da ocorrência da Batalha da Montanha Branca, não obstante jamais perder a esperança da reconstrução do paraíso, ainda que a partir de outros lugares.²⁸ Nutriu, até o fim de sua vida, que seus escritos poderiam servir para acelerar a implantação do paraíso na terra, uma vez que acreditava que a manifestação do reino de Deus, que culminaria com o fim do mundo, estava próxima. Esperava que o mundo e, em especial, a igreja de Cristo, desfrutariam de paz, tolerância²⁹ e justiça no período milenar.³⁰ Igualmente nutria a esperança de que o milênio seria precedido pela paz, pelo avanço qualitativo e universal do conhecimento e pela difusão da verdade da Natureza e do seu Criador.

Por fim, no bojo de sua concepção escatológica, residia ainda a vívida crença no iminente retorno de Cristo, pois dizia ao comentar as palavras de Jesus:

‘Ide por todo o mundo e pregai à toda criatura. E eis que eu estou convosco até a consumação dos séculos’. Estas foram as palavras com que Cristo prometeu a sua presença, não apenas aos apóstolos, mas às pessoas de todas as épocas até o fim do mundo, ou seja, a todos nós sobre quem o fim dos tempos se aproxima.³¹

Vale dizer que em meados do século XVII parecia haver-se alcançado um consenso, segundo o qual acontecimentos notáveis se produziram na Inglaterra a partir da década de 1650, tais como a queda do anticristo, a volta de Cristo e a inauguração do milênio com o reinado do Messias na terra.³² Esta expectativa era tão latente em Comenius que, ao mesmo tempo em que elogiava o trabalho da Royal Society, chegou a perguntar à mesma: “se é verdade que na época [dos apóstolos] o fim dos tempos teve o seu início, não será verdade ainda mais agora onde as eras se esgotam rapidamente?”³³.

²⁸ Gasparin, *Comênio*, 53-54. Com efeito, as esperanças de Comenius de que o paraíso pudesse ser reconstruído a partir da Boêmia se esgotaram na ocasião do Tratado de Paz de Westfália – tratado que, se por um lado pôs fim à Guerra dos Trinta Anos ao ter dado nova constituição à Alemanha e ao mesmo tempo ter reconhecido os direitos de luteranos e calvinistas, por outro, fez com que a Boêmia perdesse de vez a sua autonomia ao se colocar sob o jugo permanente da Casa da Áustria.

²⁹ Hill, *Mundo de Ponta-Cabeça*, 280.

³⁰ Sobre a esperança milenarista de Comenius, Sadler ressalta: “Comenius alimentava a esperança de que, inesperadamente, a situação da humanidade sofreria uma drástica mudança que solucionaria de imediato todas as demandas políticas, sociais, bem como todos os problemas econômicos, dos quais a servidão seria apenas um sintoma. Isto surgiu da sua crença na segunda vinda de Cristo a terra e do reinado de Deus que seria assim inaugurado. A doutrina do quilliasmo é bem atestada na Bíblia, ainda que seus termos sejam frequentemente vagos e misteriosos.” (John E. Sadler, *J. A. Comenius and the Concept of Universal Education* (New York: Barnes & Noble, 1966), 92).

³¹ Jan Amos Comenius, *The Way of Light* (Liverpool: The University Press London, 1938), 210.

³² Hill, *Mundo de Ponta-Cabeça*, 104.

³³ Comenius, *Way of Light*, 20D.

MILENARISMO E CIÊNCIA EM *VIA LUCIS****A participação da ciência no processo da manifestação do reino de Deus***

A Natureza, para Comenius, seria o primeiro e maior livro de Deus a ser investigado pelo homem.³⁴ Esse conceito é corroborado pelo comentário que faz da passagem bíblica de Gênesis 2.19, ocasião em que Deus dispôs a sua criação e, em especial, os animais a Adão, a fim de que este lhes desse nome conforme sua observação e vontade.³⁵ Mais do que um privilégio concedido ao homem, essa atitude de Deus era vista pelo autor como a legitimação e veredito do governo, domínio, administração e produção humana sobre as coisas criadas, ou seja, sobre a Natureza.

Assim como a contemplação das coisas, a doação de nomes às coisas é parte do domínio conferido por Deus ao homem sobre as coisas criadas.....Deus não proíbe a investigação e produção humana. Pelo contrário, com certeza ele se agrada e ainda ordena que o homem constitua os verdadeiros conceitos de todas coisas. Deus, portanto, não impede que o homem extraia para si mesmo o discurso verdadeiro sobre as coisas.³⁶

Ao associar a passagem bíblica acima com os textos de Gênesis 1.26 e 2.15, onde Deus respectivamente ordena que o homem exerça domínio sobre a Natureza e ainda cultive e guarde o jardim, Comenius entendia que o homem havia recebido da parte de Deus uma espécie de mandato cultural³⁷, através do qual o ser humano deveria exercer um íntegro e justo domínio sobre as coisas criadas. Isso equivale a dizer que, para o autor, a busca pela verdade, pelo conhecimento das coisas e da Natureza, sempre fizeram parte da ordenação divina ao homem desde sua criação, pois, uma vez que o homem fora criado à imagem e semelhança de Deus, ele fora essencialmente designado para ter e acumular a progressiva e eterna ciência das coisas, de si mesmo e de Deus.³⁸

À guisa de observação, vale lembrar que, para o autor, o homem não havia perdido este mandato no pós-queda, apesar de a impossibilidade de exercê-lo perfeitamente tanto no aspecto

³⁴ Ibid., 5.

³⁵ Webster, *Great Instauration*, 16.

³⁶ Comenius, *Way of Light*, 188-189.

³⁷ Vale dizer que Comenius não usa a expressão “mandato cultural”. Registra-se, portanto, que a respectiva expressão, quando aqui empregada, acena para o conceito da dominação humana sobre as coisas criadas, ou seja, nas próprias palavras do autor refere-se ao “domínio conferido por Deus ao homem sobre as coisas criadas.” (Ibid., 188-189).

³⁸ Sobre a busca constante pelo conhecimento empenhada pelo ser humano Comenius pontua: “É da incessante natureza do homem descobrir a infinidade dos seus próprios desejos e capacidades: está é a marca da divindade impressa sobre ele. Ele não encontra local de descanso para si no mundo finito, mas tem dentro do seu próprio coração incentivos que, como implacáveis esporas, fazem com que ele, ofegantemente, escale e lute perante cada abismo da infinidade, isto é: Deus. Na verdade, é com esta finalidade que o homem estabelece dentro do mundo visível o que ele pode aprender para buscar a Deus e reconhecer o Criador por meio do seu trabalho até o tempo em que Deus se dignar a vir para revelar-se sem véu, face a face.” (Ibid., 3).

cognitivo como no moral. Portanto, ainda que de forma limitada e imperfeita, o exercício do mandato cultural estaria em vigor e o centro de sua realização deveria ser ocupado pela motivação primária em se manifestar a glória de Deus, bem como promover o bem ao próximo.

Assim, na medida em que se tem em vista a legitimação divina ao homem para que este desenvolva o conhecimento e busque progressivamente a verdade a partir da investigação da Natureza, melhor se entenderá a relevância e o incentivo que a educação e a ciência ocuparam no pensamento comeniano. Para o autor, a ciência e o fazer da ciência – ou seja, observar, descobrir, mensurar, reproduzir, enfim, investigar pela experiência as causas e a essência das coisas – faziam parte do propósito de Deus à humanidade, e na observância e cumprimento do mandato cultural estariam o avanço e o desenvolvimento do conhecimento que conduziriam o homem à verdade.

Entretanto, Comenius considerava que - com a queda - o mandato divino não apenas se manteria em vigor, mas que, apesar de as restrições e obstáculos interpostos à mente como fruto do pecado que atingiu a cognição humana, o mesmo passou a ser necessário e imprescindível à humanidade, a fim de que, pelo conhecimento e pela ciência das coisas, o homem amenizasse os efeitos da queda, bem como acelerasse o retorno do Messias. Em outras palavras, para o autor, o mandato, após a queda, passou a carregar um aspecto redentivo na história da salvação do homem e da manifestação do reino de Deus, uma vez que a evolução acumulativa do conhecimento em busca da verdade, ou seja, a Luz da Sabedoria Universal³⁹, abreviaria a restauração do mundo e da ordem das coisas criadas por Deus.

Como esperamos ansiosamente que a Luz [luz da sabedoria ou conhecimento universal] surja finalmente! Tanto pela causa de Deus como pela dos homens. Para com Deus, para que as suas bênçãos incontáveis e inestimáveis, com a qual ele preencheu o mundo, não continuem a ser, por muitos, destruídas ou no mínimo permaneçam sem uso, mas que, pelo contrário, o seu nome seja santificado em todas as coisas, e que seu reino venha sobre todos homens e que sua vontade seja feita por todos, tanto na terra como no céu, e que todos os homens possam dar testemunho de que dEle é o reino, o poder e a glória para sempre e sempre. Amem! E para o bem dos homens, certamente devemos esperar por isso: que todos os que têm olhos para ver, sejam capazes de ver; que todos os que têm ouvidos para ouvir, possam ouvir; que todos os que têm corações para entender, possam entender; e todos os que têm língua para louvar a Deus, possam bendizer o seu nome. E ainda, ninguém mais será cego em meio à clara luz; nenhum homem vagueará pelo

³⁹ Ibid., 30.

simples caminho; nenhum homem perderá a marca de felicidade, que foi colocada diante dele, mas cairá totalmente longe de seus desejos.⁴⁰

Outrossim, a visão protestante de Comenius sobre a queda e sobre a continuidade do mandato cultural legitimava sua aproximação e afeição à filosofia baconiana. Assim como Bacon, Comenius buscava na sinergia da ciência com a religião a esperança de restauração do verdadeiro domínio humano sobre a Natureza por meio do cumprimento do mandato, tendo em vista que tanto a soberania humana sobre a criação como a própria capacidade de extrair e aplicar corretamente o conhecimento foram prejudicados devido à presença do pecado⁴¹ – o que nas palavras de Bacon fora dito da seguinte forma:

Não é o prazer da curiosidade, nem a tranquilidade da resolução, não é a elevação de espírito, nem a vitória ou argúcia, não é a habilidade do discurso, nem o lucro na profissão, não é a ambição de honra e fama, nem a habilidade nos negócios que constituem os verdadeiros fins do conhecimento. Alguns desses são mais nobres do que outros, mas todos são inferiores e degenerados. O verdadeiro fim do conhecimento é a restituição e a restauração (em grande parte) do homem à soberania e ao poder que ele tinha no primeiro estágio da criação (porque quando ele for capaz de chamar as criaturas pelos seus verdadeiros nomes, poderá novamente comandá-las). Para falar com clareza e simplicidade, esse fim consiste na descoberta de todas as operações e possibilidade de operação: desde a imortalidade (se é possível) até a mais desprezada mecânica.⁴²

Vale observar que Comenius também seguiu o pensamento de Bacon no que tange à necessidade imperativa do divórcio da filosofia grega e escolástica⁴³, pois sobre Aristóteles dizia:

⁴⁰ Ibid., 31.

⁴¹ Comentando sobre a referida sinergia, Charles Webster chega a dizer que tanto o sistema de Comenius como o de Bacon “foram considerados meios para se completar a restauração daquela harmonia que fora sacrificada na Queda.” (Webster, *Great Instauration*, 26).

⁴² Bacon (1857-92), v.3, 222, apud Paolo Rossi, *A Ciência e a Filosofia dos Modernos* (São Paulo, Ed. Unesp, 1992), 79.

⁴³ Ao criticar a filosofia de Aristóteles, dizia Bacon: “Se fosse apenas um defeito de ordem, não falaria dele, porque a ordem afeta a exposição, mas não a substância das ciências; mas esta má colocação ocasionou uma deficiência, ou pelo menos um grande estancamento nas próprias ciências. Pois o tratamento das causas finais misturadas com demais nas investigações físicas entorpeceu a indagação severa e diligente de todas as causas reais e físicas, e deu ocasião aos homens de deterem-se nestas causas meramente agradáveis e especiosas, com grande freio e prejuízo de outros descobrimentos. Isto encontro feito não só por Platão, que sempre lança a âncora nesta margem, mas por Aristóteles, Galeno e outros, que também caem usualmente sobre estes baixios da causa discursivas.” (Francis Bacon, *O Progresso do Conhecimento* (São Paulo: Unesp, 2007), livro segundo, 152).

Se alguém disser que eu fui parcial, inclinado ao favorecimento e que ainda incuto nos outros uma antipatia por Aristóteles e outros autores pagãos, eu não negarei [...] é inaceitável que a sabedoria e eloquência dos gentios (gregos) ofereçam mais influência em nossas escolas do que a verdade cristã. É abominável considerar essa sabedoria como responsável por ter remido o conhecimento. Portanto, é mil vezes melhor que a sabedoria pagã seja totalmente despojada de todas as suas vestes atraentes e seduções do que qualquer alma, que Cristo preencheria com o seu espírito, esteja em perigo e subvertida.⁴⁴

Portanto, com o apoio da visão de Bacon sobre a relação entre religião e ciência⁴⁵, Comenius igualmente sedimentaria sua ideia de dominação humana sobre a Natureza. Entretanto, apesar de Comenius compartilhar das ideias de Bacon – ideias que indubitavelmente o conduziram ao seu envolvimento e à defesa dos valores da nova filosofia –, vale dizer que ele ainda associou as respectivas ideias à sua visão escatológica. Tal associação, por fim, deu-lhe grande fôlego em seu anseio milenarista, à medida que buscou emoldurar sua filosofia com explícita referência ao milênio bíblico.⁴⁶

Destarte, para Comenius, fora com isso em vista que as propostas da nova filosofia e da ciência experimental se relacionavam singularmente e providencialmente com a sua perspectiva milenarista, pois o tão desejado período milenar de paz, harmonia, justiça e felicidade na terra, poderia e deveria ser apressado pela evolução do conhecimento e pelo acúmulo das verdades alcançadas pela ciência.

Assim, Comenius entendia que aqueles que - como ele - vislumbravam a “era da luz”, ou seja, o milênio e a conseqüente vinda do reino de Deus, deveriam apressar o tempo deste advento por meio do empenho, esforço e dedicação para com o mandato de Deus. Em outras palavras, no processo da manifestação do reino de Deus, o homem ocuparia um papel ativo, uma vez que, pelo conhecimento universal, poderia abreviar a implantação do milênio ao acelerar a volta de Cristo. Deste modo, ao invés de o homem ser passivo ou apenas poder orar a Deus pela vinda do Messias, Comenius entendia que o mesmo ocupava um papel importante no processo redentivo-messiânico e que o

⁴⁴ Comenius, *A Reformation of Schools*, (London: Printed for Michael Sparke, 1642), 33.

⁴⁵ Observa-se, contudo, que cálculos milenários e esperanças messiânicas não eram a tônica dos escritos de Bacon e nem o centro de suas motivações como se apresentou na perspectiva baconiana dos protestantes milenaristas das décadas de 1630 e 1640. (Hugh R. Trevor-Roper, *Religião, Reforma e Transformação Social*. (Lisboa: Editorial Presença; Martins Fontes, 1981), 185).

⁴⁶ Sobre a associação que Comenius faz da filosofia baconiana com elementos escatológicos, Trevor-Roper pontua: “Em questões intelectuais Comenius seguiu Bacon em convocar a emancipação da filosofia grega, a qual tinha prejudicado por muitos meios o espírito cristão. Isto liberaria e prepararia o caminho para uma filosofia totalmente nova, a qual, no caso de Comenius, envolveria uma sincrética fusão dos elementos racionais, empíricos e bíblicos. O programa filosófico de Comenius para regenerar os tempos foi emoldurado com explícita referência aos objetivos milenaristas.” (Ibid., 26).

avanço da nova ciência seria um dos instrumentos escatológicos que promoveriam o conhecimento universal, a fim de que o reino de Deus viesse sobre os homens.

Portanto, a fim de desconstruir a imagem passiva do homem em relação à vinda e manifestação do reino divino e, ao mesmo tempo, legitimar a relevância e urgência de se investir no avanço da educação e da nova ciência, Comenius afirmava que o verdadeiro cristão só poderia manifestar honestamente as palavras da oração do *Pai Nosso*, em especial a expressão “venha o teu reino”, se ele estivesse comprometido com o mandato cultural e o avanço do conhecimento, pois afirmava que: “quando nos propomos a orar: ‘venha o teu reino’, nós devemos estar ao mesmo tempo empenhados em buscar o reino de Deus”⁴⁷.

Logo, seria por meio da oração e de muita ação e trabalho que o cristão anteciparia e aceleraria a restauração do mundo, conforme expressava o autor:

Com efeito, enquanto esperamos e oramos a Deus pela restauração da ruína do mundo por meio da vinda da tão esperada era da luz, devemos, ao mesmo tempo, entender que estamos comprometidos em apressar essa vinda. Além disso, temos liberdade para fazer todas as coisas. Liberdade para entender os princípios e métodos pelos quais as coisas são feitas, ou seja, podemos buscar compreender e investigar todas as coisas. Assim, como Deus não nos dá ordens irracionais, ele igualmente não nos propõe e nem nos conduz às ações em caminhos irracionais. Pelo contrário, ele deseja que não incorramos nisso. É do seu plano que não proibamos a investigação e o entendimento dos princípios de cada uma das coisas que nos estão expressamente dispostas. Deve, portanto, ficar claro que não estamos proibidos de entender os princípios, bem como a completa unidade que existe em todas as coisas.⁴⁸

Deste modo, uma das principais motivações de Comenius ao escrever o seu *Via Lucis* se encontrava em seu anseio para contribuir com a antecipação da manifestação do reino de Deus, pois acreditava que o milênio poderia e deveria ser antecipado pela divulgação da luz da sabedoria humana.⁴⁹

A expressão “era da luz”, comumente usada pelo autor para se referir ao milênio, é muito significativa quando relacionada ao título *Via Lucis* –, que traduzido significa: *O caminho da luz*. Comenius tencionou escrever nessa obra o caminho da Luz Universal, ou seja, o caminho histórico da

⁴⁷ Comenius, *Way of Light*, 46.

⁴⁸ *Ibid.*, 47-48.

⁴⁹ *Ibid.*, 193-194.

luz do intelecto. Para ele, este caminho auxiliaria a condução da humanidade até que esta adentrasse ao milênio. Mas não apenas isto, pois, além deste caminho anteceder e auxiliar o advento milenar, a conquista humana deste caminho anteciparia, na visão do autor, a vinda do reino messiânico. Era, portanto, por meio da conquista da Luz Universal, onde se encontraria a disseminação da luz da sabedoria, que o milenarismo de Comenius se justificava em grande medida. Em outras palavras, Comenius acreditava que a manifestação do reino milenar de Cristo ocorreria quando a humanidade alcançasse a Luz Universal, também conhecida como Pansofia, cuja essência se concentrava na conquista do conhecimento universal a partir dos três livros de Deus⁵⁰.

Fazia parte do conceito da Pansofia de Comenius a arregimentação de toda a espécie, tipo e gênero de conhecimento que o homem poderia extrair por meio da investigação dos três livros divinos. Todo conhecimento da matemática, da medicina, teológico, filosófico, cultural, social, educacional, político, legal, bem como todo conhecimento advindo da filosofia natural, da astronomia, das marés, das plantas, dos animais, dos minerais, da física, da óptica, enfim, toda a sabedoria deveria ser reunida a fim de compor a Luz Universal, a qual aceleraria e anunciaria o tempo milenar. No que tange à organização do conhecimento pansófico, o autor propôs em seu *Via Lucis* que o mesmo deveria ser realizado através das escolas universais, dos livros universais, do College e da língua universal.

Por ora, vale registrar que toda essa organização do conhecimento cooperaria para um fim redentivo-milenar, ou seja, a “era de ouro” do conhecimento.⁵¹ Nesse sentido, ao destacar a contribuição da língua universal no processo escatológico do ressurgimento da glória de Deus e da manifestação da luz divina em seu reino, Comenius afirmava:

Quando a língua universal tiver sido alcançada e o seu uso aceito por todos, então o mundo inteiro se tornará acessível a todos os seus habitantes....Se todos os homens se entenderem mutuamente, eles se tornarão uma só raça, uma só gente, uma só família e uma única escola de Deus. Então, o significado dessas palavras se tornará claro: ‘toda terra se tornará como planície’ (Zacarias 9.10). Acontecerá que: ‘já não será mais visto qualquer pessoa com discurso profundo demais para ser compreendido, nem com língua estrangeira em que não há sentido’, como disse o profeta Isaías. A todas as nações será dado um único discurso, pois todos serão trazidos de volta da dispersão babilônica (Gênesis 11.1 e 7.8), quando o Senhor começar a construir Sião e aparecer em sua glória (Salmo 102.16-19,23). Então, todas as nações deverão correr e andar na luz ressurgida em Sião (Isaías 60.1-3).

⁵⁰ Para Comenius, Deus havia deixado à humanidade três livros divinos: o livro da Natureza, o livro do Homem e o livro Sagrado – a Bíblia. (Comenius, *Way of Light*, 5-7).

⁵¹ *Ibid.*, 105-108.

Todos os confins da terra deverão se voltar perante ao Senhor (Salmo 22.28). As forças dos gentios virão a Sião como grossas nuvens reunidas e como a revoada de pombas para suas janelas. (Isaías 60.5).⁵²

Logo, a Pansofia, conceito que abrigava intimamente a nova ciência, e que também seria o guia para se tentar implantar a Reforma Universal, era vista pelo autor como parte do cumprimento do mandato cultural, pois muitos mistérios ainda deveriam ser extraídos dos tesouros de Deus, da Natureza e das próprias Escrituras, a fim de que o mundo estivesse preparado para receber o reino messiânico.

Assim, o anseio e o clamor do autor para que a chegada da “era da luz” fosse abreviada por meio do avanço do conhecimento podem ser verificados nas palavras a seguir, por meio das quais Comenius demonstra sua oração e piedade, bem como sua convicção pansófica:

Nosso Pai que estás no céu, que o teu nome seja santificado agora em todo o mundo! Que o teu reino venha agora sobre todo o mundo! Que tua vontade seja feita agora em toda a terra como é feita nos céus! Que venha o teu reino e que seja feita a tua vontade sobre toda a Europa, Ásia, África, América; por sobre toda a terra de Magalhães; e por sobre todas as ilhas de todos os mares. Oh Deus, cubra a terra com o teu conhecimento, como as águas cobrem o mar, de modo que toda a terra possa regozijar em ti! Levante homens para escrever o teu propósito em livros, sobretudo livros que tu mesmo possas escrevê-los nos corações dos homens. Faça que escolas sejam abertas em toda parte do mundo para curar todas as crianças. Levanta a tua própria escola no coração de todos os homens. Incita o espírito dos homens sábios em todo o mundo, a fim de que eles se reúnam em oração, mas que sejas tu mesmo o líder do coro de teus eleitos! Conceda às pessoas a língua escolhida, através da qual todos possam celebrá-lo como um só lábio. Ensina-nos Senhor o teu ensino através do teu discurso pregado no mais profundo dos nossos corações.⁵³

A ciência como promotora da paz que antecederia o milênio

Outra característica forte do milenarismo, que Comenius relacionou à nova ciência, tange o avanço da paz que deveria preceder o advento milenar. A nova ciência, como um relevante e urgente componente pansófico, deveria ser vista como promotora e divulgadora da paz universal, a partir das realizações, descobertas e conquistas da verdade do mundo natural – verdade que, por sua vez,

⁵² Ibid., 198.

⁵³ Ibid., 231,232.

conduziria às verdades postas além da matéria, as quais se destinariam às relações existenciais e sociais, pois dizia Comenius: “a verdade extraída do domínio da natureza igualmente outorgará verdades morais e espirituais”⁵⁴.

Como pacifista, o autor acreditava que o milênio seria precedido por um período de paz na terra promovido pela expansão do conhecimento pansófico, ou seja, nutria a perspectiva de que “há uma esperança que não se pode desconfiar: a da vinda da Luz Universal antes do fim do mundo”⁵⁵.

Entendia que, diferentemente das correntes bélicas milenaristas, o retorno de Cristo ao mundo estaria vinculado: à primazia e disseminação da verdade extraída dos três livros de Deus; à pregação do Evangelho; e à paz que as boas novas trariam a terra.⁵⁶

A conquista da paz, que venceria as obras das trevas⁵⁷ através da manifestação da verdade e do avanço do conhecimento dos livros de Deus, era vista, pelo autor, como um forte indício para a iminente manifestação do Messias. Portanto, ao ter em alta conta o papel da educação e da filosofia natural em seu projeto pansófico na luta contra a ignorância, as injustiças e os erros filosóficos, teológicos, educacionais e políticos, Comenius enxergava na nova ciência um instrumento outorgado e legitimado por Deus para promover a Luz Universal – luz que, pelo conhecimento da verdade, pacificaria as relações humanas preanunciando, desta forma, a volta de Cristo a terra.

Não obstante ser pacifista, Comenius era um duro crítico em relação aos erros cometidos pelos homens na busca do remédio que deveria tratar a concepção e organização do conhecimento. Ao observar as mazelas da sua época, da sua pátria, as guerras religiosas, os interesses políticos fora do bem-comum, bem como a insistência na filosofia de seus dias⁵⁸, o autor chegava a perguntar: “Existirá ainda um remédio para a desordem do homem? Se existe, de que natureza ele deve ser?”⁵⁹.

Em sua crítica aos métodos, erros e desvios filosóficos na tentativa humana em se descobrir a verdade, ele pontuava:

Parece que temos errado em três pontos: a) remédios particulares têm sido procurados para tratar problemas que são universais: nós temos que inquirir qual socorro deve ser dado para este caso, pois há equívocos nas pessoas, nas nações e na religião e ainda não percebemos que deixamos de observar que os conselhos de Deus são sempre direcionados à Reforma Universal; b) drásticos e repugnantes

⁵⁴ Ibid., 21,22D.

⁵⁵ Ibid., 32.

⁵⁶ Ibid., 29, 37,38.

⁵⁷ O autor usa o termo *trevas* para descrever o caos promovido pelas contentas filosóficas, religiosas e políticas, as quais tinham sua origem no afastamento e na distorção do conhecimento da verdade. (Comenius, *Way of Light*, 62-63).

⁵⁸ Comenius apresenta sua crítica às mazelas de sua época afirmando que, mesmo diante de tamanho opróbrio, o homem ainda insistia em ignorar que a cura estava em Deus. (Ibid., 12-20).

⁵⁹ Ibid., 20.

métodos para o tratamento da natureza humana tem sido usados; c) e ainda, um método débil e insuficiente tem sido usado para tratar a doença.⁶⁰

Assim, o remédio para a humanidade, defendido por Comenius, deveria ser de caráter universal e, especialmente, centrado em Deus.⁶¹ Dizia que “para as trevas das desordens humanas não há mais efetivo remédio a ser dado do que a Luz Universal”⁶². Tendo em vista que a luz universal para o autor se referia à Pansofia, com sua intrínseca unidade no conhecimento universal advinda dos três livros divinos, Comenius entendia que a desordem humana só poderia ser curada pelo conhecimento e divulgação da verdade, a qual seria o remédio para tratar os erros e desvios da humanidade.

Logo, como pacifista, Comenius entendia que a busca e conquista do remédio não poderia ser jamais por meio de guerras, confusões, disputas e intrigas religiosas e políticas.

O remédio não pode revelar-se violento, mas suave como deve ser. Que nenhum bem vem da violência nós temos evidências em todos os métodos de dominação e coação tentados até agora: nas guerras, disputas, inquisições, prisões, obrigações, espadas e fogo. Cada arbitrariedade e teimosia tende à irritação e não à calma; à fixação das facções e não à remoção das barreiras; à extinção da luz e não ao seu aumento. Quando Deus fez o homem à sua semelhança para ser um agente livre e perfeito, Deus o fez com o propósito de que ele não traria a força e coerção sobre o homem. Tudo o que Deus demanda do homem não é pela força, mas pelo ensino, pela persuasão, pela exortação, pelo testemunho, pela recompensa de prêmios, ou até por ameaças de punição que possa movê-lo à sua vontade, mas jamais contra. Este é o resumo das Escrituras e de toda ordenação de Deus ao homem. Mas se o homem recusa a obedecê-lo, Deus o deixa em sua tristeza e destruição. Disto nós temos evidências nas lágrimas de Cristo e dos seus santos, e na dor do coração do próprio Deus, como as Escrituras frequentemente nos revelam.⁶³

Pelo contrário, apreendia que a Pansofia, e a nova ciência nela contida, conduziria pacificamente a humanidade à verdade, dirimindo as intrigas e os erros. Para o autor, à medida que a ciência avançasse, a paz também avançaria mediante o conhecimento universal. Igualmente, à medida que a paz avançasse por meio do remédio suave e não coercitivo oriundo da verdade científica

⁶⁰ Ibid., 21,22.

⁶¹ Ibid., 26.

⁶² Ibid., 28.

⁶³ Ibid., 26,27.

pansófica, isto seria indício de que o milênio estaria se aproximando, uma vez que a Luz Universal estaria cumprindo o papel preparatório e antecipatório do mesmo.

Assim, a relação milenarismo e ciência era vista, pelo autor, além da perspectiva de que a ciência aceleraria o advento milenar. Era igualmente vista sob as lentes de que o suave remédio do conhecimento e da ciência promoveriam a paz que antecederia o milênio.

Quanto ao tempo milenar propriamente dito – ou seja, quanto ao reinado de mil anos do Messias que antecederia a consumação dos séculos e o estabelecimento definitivo do reino de Deus na terra ao término deste período –, Comenius tinha a expectativa de que, neste período, a paz, até então iniciada pela Pansofia, chegaria à uma realização superlativa.

Durante o milênio, o mundo e, em especial, a igreja de Cristo, desfrutariam da paz, bonança, felicidade e justiça advindas da presença física de Cristo e do seu governo entre os homens. Este período seria marcado pela manifestação plena da luz de Deus na terra – luz que brilharia como uma candeia a dissipar as trevas do coração e do conhecimento de todos os povos, línguas e nações⁶⁴.

Comenius, portanto, ansiava pelas conquistas e vindimas da Luz Universal em relação ao avanço do conhecimento e pela crescente universalização da paz. Todavia, o centro de sua motivação residia na vitória final de Cristo e da luz de Deus entre os homens, ocasião em que as guerras político-religiosas cessariam; o conhecimento se tornaria imune aos vícios da mente humana; a verdade triunfaria; as perseguições silenciariam; o horror, a violência e as mazelas sociais já não existiriam e, sobretudo, a livre devoção a Deus fluiria em seu reino de justiça.⁶⁵ No milênio, a paz e a harmonia entre os homens, e entre todos os seres criados por Deus, reinariam e promoveriam plena comunhão e vida, pois dizia:

Assim se cumprirá a promessa de Cristo em relação ao único rebanho e ao único pastor. Quando os leões e os lobos, os ursos e os leopardos serão chamados em um único rebanho. Isto marcará a era de ouro em mais elevado sentido do que a era do rei Salomão. O homem retornará à sobriedade da mente e desaprenderá a brutalidade e, então, começará a viver de fato, dedicando-se a vida racional, espiritual e divina. Assim será um final feliz em face a todos os problemas do passado e o conto se transformará em verdade, onde a mais bela fênix nascerá novamente das chamas. Sucederá que o fogo onde se encontra as inúmeras rixas mortais que atingem a igreja e o mundo será consumado e uma nova beleza sobrevirá. A própria igreja se encantará ao ver os seus desertos e ruínas, agora

⁶⁴ Comenius registra diversos textos apocalípticos da Bíblia que apontam para a manifestação da luz de Deus na terra, tais como: Isaías 2.2,3,5; Isaías 9.1,2,3,19,20; Isaías 30.26; Mateus 24.14; Zacarias 14.7-9.

⁶⁵ Comenius, *Way of Light*, 204.

maravilhosamente restaurados (Isaías 49.19). Este será o Sábado da Igreja, a sétima era do mundo, em que após a labuta incessante, o suor, a luta e os desastres de seis mil anos, lhe será concedido descanso, antes do soar da vinda da oitava era: a Abençoada Eternidade [...]. Porque, assim como o trabalho para fazer as criaturas foi cumprido em seis dias e o sétimo foi adicionado como um dia de descanso, ele declarou que o trabalho de fazer a Igreja duraria mais do que seis mil anos, mas que o sétimo milênio seria adicionado como uma era de descanso, de contemplação, de bênção e alegria em que, Sábado após Sábado, seria mantida de modo que toda a carne poderá vir e adorar na presença de Deus.⁶⁶

A ciência como promotora do desenvolvimento social que antecederia o milênio

Comenius igualmente nutria a esperança de que o milênio seria precedido pelo avanço qualitativo e universal das artes, das ciências⁶⁷ e, sobretudo, da manifestação da verdade – fatores que promoveriam o bem social e a felicidade no mundo, preparando-o para a implantação definitiva do reino de Deus e do seu Cristo na terra⁶⁸. Todavia, vale observar que este anseio não era singular a Comenius, e nem poderia ser. Muitos milenaristas⁶⁹ dentre os clérigos protestantes, educadores, pensadores, nobres e parlamentares da sua geração, especialmente na Inglaterra, compartilhavam o sonho da Reforma Geral⁷⁰ (da educação, da Igreja, do Estado, da economia, da ciência etc) e da melhoria das condições de vida na terra a partir do quiliassmo e seu viés utilitário. Em Londres, muitos protestantes afeiçoados à esperança bíblico-escatológica se colocaram como promotores da nova ciência e fomentadores das ideias de Bacon a partir da produção, do avanço e da difusão do conhecimento. Entre esses, encontravam-se John Dury e Samuel Hartlib que, assim como Comenius, eram estrangeiros e refugiados da Guerra dos Trinta Anos que haviam se apropriado das ideias de Bacon para tentar alavancar os ditames da grande reforma⁷¹ a partir de um grupo fomentador do conhecimento, também conhecido como grupo de Hartlib⁷². De fato, além de Comenius que fora

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Hooykaas comenta que o esquema e visão de Comenius implica no “incremento da ciência e da tecnologia, com a finalidade de aliviar a carga da vida, bem como o aprimoramento do ensino e da divulgação do Evangelho, para tornar os homens mais iluminados.” (Reijer Hooykaas, *A Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna* (Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1988), 184).

⁶⁸ Comenius toma a profecia de Daniel 2.35-45 e de Apocalipse 11.15 para sinalizar que os reinos da terra se tornarão, no fim dos tempos, o reino de Deus e do seu Cristo. (Comenius, *Way of Light*, 199).

⁶⁹ Webster, *Samuel Hartlib and the Advancement of Learning* (Cambridge: Cambridge University Press, 1970), 32-33.

⁷⁰ Observa-se que o desejo pela Reforma Geral não se limitou à milenaristas. Contudo, ressalta-se que tal perspectiva escatológica era presente no meio de muitos promotores da nova ciência, como por exemplo, no grupo de Hartlib e seus apoiadores.

⁷¹ Trevor-Roper, *Religião*, 185.

⁷² Comentando sobre as aspirações milenarista do grupo de Hartlib, Hill acrescenta: “Durante vinte anos Hartlib difundiu na Inglaterra um programa de reforma social, econômica, religiosa e educacional que influenciou homens do calibre de Boyle e Petty. Na euforia que marcou o começo da década de 1640 esse programa, que parecia contar com a benção de líderes

integrado ao grupo por conta do insistente convite do seu amigo Hartlib⁷³, outros membros passaram a compor o respectivo círculo de eruditos, filósofos e de homens de ciência, tais como Theodore Haak, Cyprian Kinner, Joachim Hübner, Thomas Goodwin, Jeremiah Burroubhes, Philip Nye.⁷⁴ Mas afora os integrantes que compunham diretamente o círculo ou grupo hartlibiano, outros nomes de expressão passaram a figurar como apoiadores e patronos dos esforços reformistas do grupo. Entre esses se encontravam membros do clero igualmente desejosos de verem as mudanças e transformações sociais e a reforma da Igreja na Inglaterra, tais como: John Williams, Ussher de Ermagh, Davenant de Salisbúria, Hall de Exeter, Morton de Durham, entre outros. Havia, também, a adesão de patronos e aliados diplomáticos como Sir William Boswell e Sir Thomas Roe. Outros, dentre os parlamentares, forçaram o rei a convocar o Parlamento em 1640 com vistas às mudanças e ao avanço da causa reformista. Dentre esses se encontravam alguns protestantes entusiastas de Bacon, tais como: o conde de Pembroke, John Selden e Sir Benjamim Rudyerd; o conde Bedford, John Pym e Oliver St. John; o conde de Warwick, Lord Brooke, Lord Mandeville, Sir Nathaniel Rich, Sir Thomas Barrington e Sir John Clotworth. O sonho da nova Igreja, da nova educação, da nova ciência e da causa geral reformista, era ainda apoiado por representantes da força rural, tais como: Sir Justinian Isham de Lamport, Sir Chistopher Hatton de Holmby, Sir Cheney Culpeper de Leeds Castle e Nicholas Stoughton⁷⁵.

Enfim, todos os que viviam o ideal milenarista da Inglaterra seiscentista⁷⁶, respiravam o ar da reforma e estavam interessados em apoiar os intentos de Hartlib, Dury e Comenius, a fim de que estes, através de uma síntese entre protestantismo puritano e baconismo, alcançassem a difusão do desenvolvimento prático e utilitário da ciência, a qual melhoraria as condições de vida do homem.

Um dos elementos que definem o milenarismo inglês do século XVII é a tentativa de recriar o estado edênico de prosperidade material 'aqui e agora' na terra. Para tanto, um dos objetivos de Hartlib consistiu em difundir os saberes destinados a melhorar – e aqui a palavra de ordem é *improvement* – as condições de vida do homem comum.⁷⁷

parlamentares, somou-se ao entusiasmo milenarista para criar a expectativa de que a utopia era iminente na Inglaterra.” (Hill, *Mundo de Ponta-Cabeça*, 279).

⁷³ A convite de Hartlib, Comenius permaneceu em Londres inserido integralmente no círculo hartlibiano entre 1641 e 1642. Para saber mais sobre o convite e a ida de Comenius à Inglaterra, vide, por exemplo, Robert F. Young, *Comenius in England* (London: Oxford University Press, 1932).

⁷⁴ Webster, *Samuel Hartlib*, 33.

⁷⁵ Esses promotores, comenta Trevor-Roper, “não estavam interessados na política, mas sim em progressos práticos em seus domínios e ainda no Apocalipse e no Amagedon.” (Trevor-Roper, *Religião*, 191).

⁷⁶ Registra-se que nem todos que desejavam e se empenhavam pela Reforma Geral eram necessariamente milenaristas. Por outro lado, todos os milenaristas eram convictos da necessidade de reforma e, portanto, afeiçoados à causa reformista.

⁷⁷ Silvia W. Priven, & Ana M. Alfonso-Goldfarb, “Gabriel Plattes: Utopia, Agricultura e Metalurgia na Ciência Inglesa Seiscentista,” in *Filosofia e História da Ciência no Cone Sul: Seleção de Trabalhos do 5º Encontro*, ed. Roberto A. Martins et al. (Campinas, SP: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul (AFHIC), 2008), 420.

Mas vale ressaltar que esse período marcado pelo anelo do avanço e da difusão do conhecimento, pelo insuflar de uma ciência útil e pela busca da verdade, era visto por Comenius como um período, sobretudo, de cumprimento profético das Escrituras, a partir do livro de Daniel 12.4, onde se registra que nos últimos dias o saber se multiplicaria.

Em sua escatologia, o autor entendia que a melhora qualitativa do mundo fora vaticinada por Deus, e que tal melhora e desenvolvimento aconteceriam na medida em que os inimigos de Cristo e da igreja fossem derrotados antes da destruição do aguilhão da morte. Por inimigos, Comenius tinha em mente toda sorte de injustiça social, violência, guerras, bem como todo o tipo e gênero de ignorância, de ineficiência e atraso educacional, filosófico, teológico, político etc. Acreditava, portanto, que antes da derrota do poder da morte (o último e mais poderoso inimigo a ser vencido no dia da manifestação da vitória final do Messias, ou seja, o Dia do juízo e da ressurreição dos mortos), todos os inimigos da existência, da mente, dos sentidos, do bem-estar social e da moral humana, seriam, ainda que de forma parcial, progressivamente vencidos no período pré-milenar através do avanço do conhecimento da verdade da Natureza e das Escrituras⁷⁸.

Assim, através da analogia da ordem, sequência e método da criação, onde Deus deixou o melhor e o seu ápice por último ao formar o homem à sua imagem e semelhança⁷⁹, Comenius entendia que o mais alto e elevado progresso da luz⁸⁰ da sabedoria se daria igualmente no fim dos tempos.

Sua visão de que a ciência seria promotora do desenvolvimento sociocultural, que precederia o milênio, também pode ser notada, por exemplo, no comentário que faz logo após afirmar que, com base na profecia de Daniel⁸¹, o reino de Cristo poria fim à tirania, atraso e ignorância dos homens. Ao tomar de empréstimo a passagem de Daniel 2.44-45 (onde se revela o reino messiânico representado pela pedra cortada do monte que destrói os reinos da terra com suas usuras, injustiças, guerras e ignorância), Comenius passou a narrar o método de Deus pelo qual ele traria o mais elevado estágio da luz universal. Esse estágio da sabedoria universal, envolto em tácito caráter escatológico, seria, por

⁷⁸ Sobre a destruição dos inimigos de Cristo, Comenius escreveu: “Segue, portanto, que os outros inimigos devem ser destruídos antes da destruição da Morte, de modo que os reinos deste mundo se tornem do nosso Senhor e do seu Cristo (Apocalipse capítulo 11). Este será o tempo em que Israel será restaurada (Atos capítulo 1) e, de fato, será igualmente o tempo da restauração de todas as coisas.” (Comenius, *Way of Light*, 200).

⁷⁹ *Ibid.*, 37.

⁸⁰ Hooykaas, *Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, 183.

⁸¹ Ao defender a ideia de que Deus reserva o melhor para o final dos tempos, Comenius faz menção da profecia de Daniel ao comentar: “O homem encontra um argumento para se opor a profecia de Daniel sobre os quatro monarcas: o primeiro de ouro, o segundo de prata, o terceiro de bronze e o quarto de ferro e barro. Mas pergunto: por que não leem o que se refere ao Monarca Universal? Que pedras lavradas advindas das montanhas esmiuçarão os tiranos que têm enchido a terra com abismos violentos? (Daniel 2.44-45). A soberania, o poder e a grandeza de todos os reinos deverão ser colocados debaixo dos céus na companhia dos santos (Daniel 7.27), onde Cristo reinará, não como até agora em meio aos seus inimigos, mas com seus inimigos postos debaixo dos seus pés (Salmo 110.2; Hebreus 10.23; Coríntios 1.15,25,26).” (Comenius, *Way of Light*, 37).

sua vez, alcançado por meio da sinergia oriunda das pesquisas, avanços, invenções e descobertas científicas com as bênçãos de Deus. Seria, portanto, por meio deste esforço conjunto que se chegaria ao período de grande aperfeiçoamento e avanço das artes, da ciência, da educação, da filosofia etc, período que igualmente apontaria para o iminente fim dos tempos.

A própria natureza do método sintético (que Deus segue em todas as suas obras) nos promete o mais alto estágio de luz no final. Pois é da própria essência do seu método reunir coisas particulares e individuais dentro de uma soma ou fins: dos menores para os maiores e, finalmente, todos os fins para os fins últimos. Quando as bênçãos concedidas de Deus e as invenções dos homens produzem e se espalham grandemente, como temos visto em todas as ocasiões, por que, então, não deveríamos olhar para a coroa de todo o processo? De instâncias notáveis e dos dados recolhidos se faz uma lei; do conjunto de leis se faz uma Arte ou Ciência ou Sabedoria; do conjunto de artes e ciências se faz um sistema (de Filosofia, de Teologia e assim por diante): que razão há, então, que nos proíba de se ter esperança de que a Arte das Artes, a Ciência das Ciências, a Sabedoria das Sabedorias, a Luz da Luz devam ser processadas?

Somos convocados para entrelaçar essa esperança por meio da ansiedade que invade a mente de todos nós. Somos sempre convocados a nos esforçar, através do instinto natural, a avançar para as coisas superiores. Sempre convocados a perseguir insistentemente algo maior do que já alcançamos. O desejo de aprender e conhecer que claramente revela-se em todo homem (pois somos a viva imagem do todo onisciente Deus) revela-se, sobretudo, nos escritores e leitores dos novos livros. Pois estes, que escrevem para o público (me refiro àqueles que realmente escrevem, não àqueles que meramente transcrevem e inutilmente produzem em cima do que já foi feito), seguramente afirmam que o que temos alcançado não nos é suficiente, mas que algo maior e mais vantajoso ainda está à espera da nossa pesquisa.⁸²

Como se observa, a ansiedade pelo conhecimento, pela paz e desenvolvimento social, em Comenius, era intensa e fortemente motivada pelo seu milenarismo-pacifista de origem hussita, incrementado ainda com os escritos de Alsted, Andreae, Campanella, bem como com a filosofia natural de Bacon⁸³. Suas convicções escatológicas, portanto, orientaram toda sua visão filosófica, educacional

⁸² Ibid., 37,38.

⁸³ Vale ressaltar que tanto Comenius como Hartlib adicionavam às ideias de Bacon seus pressupostos religiosos, especialmente as ideias milenaristas, o que certamente transcendia à filosofia baconiana. Com efeito, o grupo de Hartlib

e teológica a ponto de ele encontrar na Inglaterra⁸⁴ e, especialmente nos dias do grupo de Hartlib e da Royal Society, grande esperança em ver a vinda do Messias acelerada pela Luz Universal com sua singular e necessária nova ciência.

Foi nessa força e convicção que Comenius enalteceu, por exemplo, o investimento e a visão da monarquia inglesa, na pessoa de Charles II, em seu apoio à Royal Society, ao dizer: “Siga em frente Grande Rei! Lidere o caminho e estabeleça um exemplo de sabedoria para os reis do seu tempo! Apoie a investigação que fazem da verdade da Natureza, para que eles continuem a trabalhar felizes”⁸⁵.

Da mesma forma, ansioso por ver o fim de todas as guerras político-religiosas e da selvageria humana, como aquela que ele e os irmãos morávios experimentaram, e igualmente por encontrar forte expectativa nas conquistas da nova ciência em favor do desenvolvimento e da melhoria das condições de vida humana, foi que Comenius escreveu cheio de esperança à Royal Society, ressaltando que as pesquisas e descobertas ali produzidas serviriam como feixes de luz que conduziriam à Luz Universal e, conseqüentemente, ao grande dia da Luz – o dia do Messias.

Devemos mostrar quais são as medidas que devem ser tomadas, a fim de que os homens sejam capazes de ver (com seus próprios olhos) que o dia da luz veio para a igreja e que a glória de Deus está nascendo sobre ela (Isaías 9.1, etc.). No entanto, uma vez que a escuridão ainda cobre a terra e os povos (v.2); que a ira de Deus ainda perturba a terra, de modo que os povos são como combustível para o fogo; que irmão não poupa irmão, mas cada um devora a sua comida (Isaías 9. 19, etc.); e que o dia do Senhor ainda é trevas e não Luz (conforme o profeta Amós), talvez seja mais vantajoso para os homens esperar. Esperar até que chegue a hora, quando o vento forte que revolve os montes e tritura as rochas até o pó cessem; até que o terremoto e o fogo (onde Deus não está) se detenham; até que os homens ouçam o sussurro de uma brisa suave, pedindo-lhes para irem até à frente da caverna de Elias, a fim de que conversem com Deus sobre a restauração das ruínas (1 Reis 19.11, etc.).

como um todo promoveu a filosofia natural de Bacon, não obstante incrementando-a com o cunho de especulações apocalípticas.

⁸⁴ Comentando sobre a chegada da “era da luz” e o papel da Inglaterra neste contexto, Hooykaas escreveu: “O reino de Cristo seria estabelecido sobre a terra como uma preparação para a dissolução final. Após a Guerra Civil, tornou-se generalizada a crença de que a idade da luz havia começado, tanto na ciência como na religião, em assuntos profanos e espirituais. A Inglaterra seria o modelo para o resto do mundo.” (Hooykaas, *Religião e o Desenvolvimento da Ciência Moderna*, 183).

⁸⁵ Comenius, *Way of Light*, 24.

Mas, enquanto isso, vocês que são mensageiros da Luz, enviem os seus feixes! Que os seus caminhos sejam como um raio de luz, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito (Provérbios 4.18).

De um dos homens humildes de coração, o idoso Comenius, cuja vida caiu em tristezas e os seus anos em lamentações (Salmo 31.10).⁸⁶

SOBRE O AUTOR:

Vitor Augusto Andrade Albiero

Doutorando em História da Ciência pelo programa de pós-graduação em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica - PUC-SP

Artigo recebido em 21 de dezembro de 2015
Aceito para publicação em 17 de fevereiro de 2016

⁸⁶ Ibid., 25-26D.